

COMPLEXITAS

REVISTA DE FILOSOFIA TEMÁTICA

Universidade Federal do Pará - Faculdade de Filosofia & Linha de pesquisa: Fenomenologia: teoria e clínica

ISSN: 2525-4154 – QUALIS B3

Ed. 2022, V6, n 01

FENOMENOLOGIA, PSICOLOGIA HUMANISTA E PRÁTICAS INTEGRATIVAS: ENTREVISTA COM A PROFESSORA MÁRCIA SOARES

Phenomenology, humanistic psychology and integrative practices: interview with professor Márcia Soares

Fenomenología, psicología humanista y prácticas integradoras: entrevista con la profesora Márcia Soares

Recebido: 22/03/2023 | Revisado: 22/04/2023 | Aceito: 22/05/2023 | Publicado: maio/2023

Fernanda Teixeira de Barros Neta
Doutora em Psicologia
Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará
<https://orcid.org/0000-0003-0192-5868>
fernandatbn@gmail.com

Hian Soares Teixeira
Graduando em Psicologia
Universidade Federal do Pará
<https://orcid.org/0000-0002-2956-8754>
hianstx@gmail.com

Roberta Oliveira da Silva
Graduanda em Psicologia
Universidade Federal do Pará
<https://orcid.org/0009-0001-2767-3542>
robertaoliveira28@gmail.com

Márcia Elena Botelho Soares é psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Pará, mestra em psicologia clínica e social e doutora em psicologia pela mesma instituição. Também possui especialização em saúde pública pela Universidade do Estado do Pará. Foi professora da Universidade da Amazônia e atualmente é professora titular da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Pará. Contribuiu na formação de psicólogos humanistas em Belém do Pará e estuda sobre as convergências entre a Abordagem Centrada na Pessoa e a Fenomenologia, tema que permanece atual na *práxis* e na formação dos psicólogos dessa perspectiva.

Professora, em muitos cursos de psicologia, observa-se uma tímida inserção ou até mesmo ausência da fenomenologia nas grades curriculares. Consideramos que esse primeiro contato com a teoria é muito importante não apenas para a escolha da abordagem, mas para a formação profissional como um todo. Assim, considerando a sua formação em psicologia, como ocorreu o seu primeiro contato com a Fenomenologia e como ele contribuiu para sua formação?

Foi na graduação, em que fui bem assistida pelo professor Francisco Bordin, ele foi o meu primeiro contato, foi sensacional porque ele nos deu uma base teórica, mas também uma base experiencial da fenomenologia. Tínhamos um grupo de estudos de fenomenologia e existencialismo em que estudamos vários textos interessantes, como os de Martin Buber, por exemplo. Depois, os anos de experiência no serviço público de saúde fizeram com que eu ampliasse as minhas noções da atuação da psicologia: tanto no Sistema Único de Saúde, com relação às políticas públicas, e o serviço de plantão psicológico que eu implantei no Pronto-Socorro do Guamá – uma contribuição muito importante, já que não é uma psicoterapia clássica, mas uma concepção de clínica ampliada que tem sido discutida na atualidade.

Mas meu principal estudo da fenomenologia foi no mestrado, em que eu pude ampliar as minhas perspectivas e meu senso crítico. Problematizar a produção de conhecimento e de compreensão das experiências humanas, uma vez que elas adquirem sentidos em contextos socioculturais distintos, foi um grande aprendizado. Não é possível reproduzir teorias e técnicas sem considerar esses contextos e é por isso que a Abordagem Centrada na Pessoa se relaciona com a Fenomenologia. No mestrado, eu aprofundei estudos sobre as bases epistemológicas da psicoterapia centrada, em especial através das matrizes conceituais dessa psicoterapia e a aproximei da fenomenologia de Heidegger, o que me possibilitou redimensionar alguns pressupostos teóricos e propostas na base existencial e fenomenológica.

Na psicologia, há uma necessidade de constante reconfiguração ou desconstrução das teorias psicológicas, principalmente modelos psicoterápicos que se tornem fechados e dotados de verdades prontas a respeito da dinamicidade da existência e da processualidade humana.

Dentro da Abordagem Centrada na Pessoa, em seu desenvolvimento pós-rogeriano, há autores brasileiros que defendem propostas de fundamentação epistemológica da teoria da abordagem com base na fenomenologia, inclusive sua dissertação de mestrado pesquisou sobre alguns desses autores. Como você compreende a articulação entre a Psicoterapia Centrada na Pessoa e a Fenomenologia?

Rogers tenta integrar duas exigências, uma fenomenológica e uma experimental, ele é fenomenológico quando concebe, ao nosso ver, que a fonte do conhecimento autêntico reside na experiência, a experiência cotidiana, que se destaca daquela que contém pré-concepções deformantes. Mas Rogers era empírico, não estudou a fenomenologia em sua gênese, então ele fundamenta sua teoria principalmente com as pesquisas que podem confirmar ou refutar suas hipóteses iniciais.

Muitos criticam o trabalho de Rogers como subjetivista, mas ele sempre se preocupou com as pesquisas, destacando que em 1953 já havia cerca de 50 estudos de psicoterapia com clientes adultos, enquanto em 1957 já alcançava a marca de 120 trabalhos. Isso mostra que a abordagem centrada sempre foi vista como um conjunto de hipóteses que pode ser refutada ou confirmada. Hoje, no Brasil, existe uma forte vertente de pesquisa fenomenológica dentro da abordagem centrada, inspirada no método de Husserl, que se preocupa com a descrição do processo, tornando o presente como objeto de consciência e, assim, orientando criticamente a ação. Por exemplo, Amatuzzi utiliza a versão de sentido, em que a reflexão filosófica contribui com o pensar a terapia ou o processo terapêutico.

A fenomenologia como método de pesquisa, não só como filosofia, preocupa-se com a descrição da vivência e consegue permitir acesso às realidades psicológicas que não são descritas na metodologia

tradicional positivista. Forghieri diz que, ao fazer a transposição do método fenomenológico do campo da filosofia para a psicologia, o objetivo inicial de chegar à essência do próprio conhecimento passa a ser procurar o sentido ou significado da vivência, das pessoas e de determinadas situações por ela experienciada no seu existir cotidiano.

Na minha dissertação de mestrado, pesquisei estudos brasileiros que indicam pontos de encontro entre a abordagem centrada na pessoa e a fenomenologia de Heidegger, como a necessidade de incluir o estranho, a falta, como condição de possibilidade de existência; ressonâncias na concepção heideggeriana de angústia para a prática clínica, já que a angústia para Heidegger não é concebida enquanto sintoma psicopatológico a ser extinto ou um distúrbio funcional; assim como os conceitos de abertura e cuidado, que possibilitam pensar a função terapêutica como ajudar o cliente a interpretar-se a si mesmo, devolvendo-o ao seu próprio cuidado de maneira mais livre e responsável, com a ajuda do facilitador, o terapeuta. Então, são necessários mais estudos, mas alguns psicólogos vão lançando um olhar mais contemporâneo, afastando-se de uma concepção essencialista do sujeito, de uma subjetividade enclausurada, precisamos vê-lo como livre, consciente e responsável, que está nesse mundo diluído de possibilidades, mas, apesar de tudo, construindo sua própria existência.

Por fim, considerando a necessidade constante de estudo e atualização que a prática psicológica exige, gostaríamos de saber quais as bases teóricas que você dialogou ao longo de sua trajetória acadêmica e que você recomenda para o estudo dos futuros psicólogos humanistas que se baseiam na Abordagem Centrada na Pessoa?

As bases teóricas que eu dialoguei sempre foram a psicologia humanista existencial fenomenológica, Carl Rogers em primeiro lugar, desde a minha formação até hoje. Eugene Gendlin, que eu já conhecia há muito tempo, contudo, hoje estudo sua teoria e a sua prática de forma mais profunda, tendo feito, recentemente, formação em focalização e estou engajada nesse movimento. Um autor que entendo como referência e expoente no Brasil, para a abordagem, é o Mauro AmatuZZi.

Além disso, eu diálogo com as perspectivas contemporâneas, pós-rogerianas, de autores como Elza Dutra, Virginia Moreira, Vera Cury, Diana Belém, Carmen Barreto, João Messias, Boainain, André Feitosa, Márcia Tassinari, Francisco Cavalcante Jr, entre outros. Na filosofia, Heidegger, Husserl, e um pouco de Merleau-Ponty. Gosto de trabalhar com uma teoria mais crítica que vê a pessoa, o sujeito em ação nesse mundo, que é social, econômico, político.

Entendemos que todo projeto, seja de pesquisa ou de extensão, dialoga com a formação do seu coordenador. Dessa forma, qual é a relação entre o seu atual projeto de pesquisa/extensão com a Fenomenologia?

Meu projeto de extensão chama-se “Yoga e Meditação: formas de reconectar com a vida”, baseado na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em saúde (PICS), homologada em 2016, que contempla várias práticas no SUS, como a acupuntura, homeopatia, arteterapia, dança circular, meditação e yoga. O objetivo do projeto é ofertar ações de saúde e de educação em saúde para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, direcionando-se, a princípio, ao público-alvo com estresse, ansiedade e depressão no enfrentamento da pós-pandemia.

É a primeira vez que é realizado um projeto desse tipo na universidade. Nós divulgamos e, inicialmente, fechamos todas as turmas, só que houve uma baixa adesão após esse momento inicial, o que já era esperado pela professora voluntária de yoga. A meditação e a yoga foram escolhidas por contribuir com a saúde mental e com a prevenção ao estresse. O meu interesse pelo tema partiu da minha própria experiência com a yoga e a meditação. Em 2016, tive um AVC e passei 4 anos em recuperação, e nesse processo, a yoga e a meditação foram fundamentais para mim, porque eu estava com excesso de atividades e foi preciso um tempo para que eu me reconectasse comigo mesma, por isso o nome do projeto.

Essa minha inspiração e vivência se articula com a fenomenologia à medida em que parte do vivido e, portanto, quero fazer um projeto de pesquisa para investigar como essas práticas fazem com que as pessoas mudem em relação a como elas estão. A integralidade do cuidado nas PICS é uma prática ético-política, um ethos, que, no campo da saúde, é uma alternativa ao reducionismo, à objetivação dos sujeitos,

à fragmentação dos modelos de cuidado que permite ofertar mais do que o desaparecimento de determinados sintomas, constituindo um amplo aspecto de atenção à subjetividade, que valoriza a autonomia e o protagonismo dos participantes. Eu espero que o estudo das PICS possa oferecer esse espaço na psicologia no nível do ensino e da graduação, de forma prática além da teórica, dentro da perspectiva da clínica ampliada devido ao seu potencial terapêutico.